

O AMOR COMO FONTE DE AFIRMAÇÃO DA PESSOA NA FILOSOFIA PERSONALISTA DE KAROL WOJTYLA

Ramon do Carmo de Lima¹

Paulo César Delboni²

RESUMO

Este trabalho tem como pretensão explicitar o pensamento do filósofo personalista Karol Wojtyla acerca da pessoa por meio de seu conteúdo ético-antropológico. Para isso foi usado o método de pesquisa bibliográfica com cunho exploratório. Partindo do fundamento personalista, o filósofo busca demonstrar que a pessoa é um bem em si mesma por sua unicidade e irreducibilidade e se revela por meio de seu agir. Partindo do postulado kantiano de não tomar a pessoa como um meio para uma ação Wojtyla desenvolve seu trabalho ético, criticando veementemente o utilitarismo e outras formas de pensamento que levam atitudes que não respeitam o valor e a dignidade da pessoa. Queremos apresentar ainda dentro da filosofia do polonês o amor como atitude ética justa e necessária para afirmação do valor da pessoa.

Palavras-chave: Karol Wojtyla. Pessoa. Amor. Ética. Personalismo.

ABSTRACT

This work intends to explain the thought of the personalist philosopher Karol Wojtyla about the person through its ethical-anthropological content. For this, the bibliographic research method with an exploratory nature was used. Starting from the personalist foundation, the philosopher seeks to demonstrate that the person is a good in himself for his uniqueness and irreducibility and reveals himself through his action. Starting from the Kantian postulate of not taking the person as a means for an action, Wojtyla develops his ethical work, vehemently criticizing utilitarianism and other forms of thought that lead to attitudes that do not respect the value and dignity of the person. We also want to present, within the Polish philosophy, love as a fair and necessary ethical attitude to affirm the value of the person.

Keywords: Karol Wojtyla. Person. Love. Ethical. Personalism.

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduando do curso bacharelado em Filosofia do Centro Universitário Salesiano;
E-mail: ramonjoarez@hotmail.com

² Professor de Filosofia do Centro Universitário Salesiano;
E-mail: pdelboni@gmail.com

Karol Wojtyła apresenta-se além de seu marcante trabalho eclesial junto a igreja católica romana como um filósofo sobretudo nas correntes personalista e fenomenológica, especializado especialmente em ética matéria da qual lecionou por anos na Universidade de Lublin na Polônia seu país de origem.

A principal base de seu pensamento personalista é a pessoa, partindo da interpretação dos estudos de Max Scheler e de Tomas de Aquino, Wojtyła diz que a pessoa não pode ser descrita apenas como um indivíduo de uma espécie, ou uma designação qualquer pois possui dignidade e valor superior a todas as coisas do mundo visível dado sua unicidade e autodeterminação, assim, pessoa se tona a palavra chave para descrever a perfeição demonstrada pelo homem.

No compasso da história se desenvolveram formas de pensamentos que reduziam, desrespeitavam e violavam a pessoa, fazendo com que seu valor fosse dado mediante a sua utilidade especialmente na esfera sexual, assim nas relações interpessoais especialmente por influência do utilitarismo constata-se que cada vez as pessoas estão tomando atitudes que as levam a um egoísmo para a sustentação do maior prazer possível para si e menor sofrimento, ainda que para isso o outro se torne para mim um inimigo que deve ser combatido e derrotado pois o mesmo representaria uma ameaça.

Por meio desta pesquisa que tem cunho exploratório, fizemos uso do método dedutivo e da técnica de pesquisa bibliográfica, pois, como afirma Gil (2002, p. 44) “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, e pode-se dizer ainda acerca desse método que visa “oferecer meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente” (LAKATOS; MARCONI, 1990, p. 44).

Através da pesquisa bibliográfica foi buscado fazer uso dos livros de própria autoria de Karol Wojtyła, de forma especial a obra: Amor e responsabilidade; Além de livros, dissertações de comentadores e pessoas que escreveram conteúdo sobre o assunto.

O artigo está dividido em cinco partes. Sendo que, na primeira e segunda parte deste descrever as bases filosóficas do autor e traços históricos, estes significativos para a fundamentação de sua filosofia. Em seguida, na terceira parte, apresenta-se os fundamentos antropológico wojtylianos, após isso buscou-se expor as críticas feitas

por Wojtyla a formas de pensamentos e demais correntes filosóficas que buscam violar a pessoa. Por fim, mostra-se o amor como uma espécie de antítese a tais formas de pensamento e única e válida atitude frente a tais violências sofridas pelo homem.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. PERSONALISMO

Frente as reflexões acerca das perguntas sobre o homem e sua natureza e buscando respostas sobre a identidade e a própria vida. Evidencia-se o personalismo, que se torna um percurso filosófico com a capacidade de auxiliar na busca e alcance destas respostas.

O personalismo surge na Europa na primeira metade do século XX, sendo um movimento de

[...] resposta coletiva a um junto complexo de questões sociais, culturais e filosóficas: o auge do individualismo e dos coletivismos, tanto de direita (fascismo e nazismo) como de esquerda (marxismo); a preponderância de um materialismo cientificista, que negava o valor da verdade a qualquer proposição não experimental, uma forte crise de valores, percebida por alguns como crise global da civilização ocidental. (BURGOS, 2018, p. 11)

O grande nome do personalismo é Emmanuel Mounier (1905-1950) na França, ao redor da revista *Esprit* que põe o personalismo como uma fonte de investigação acerca do mundo moderno, o coloca ainda como forma de protesto contra as palavras do próprio Mounier “seu estado de putrefação” (REALE, 2005, p.399), projetando-se assim como uma saída para as sucessivas crises que se dão a partir de 1929.

Nesse complexo e problemático amontoado de fatores históricos no âmbito social, moral e intelectual, a palavra crise aparece como a melhor alternativa para expressar de forma mais concisa e adequada o momento até então vivido.

Exige-se então uma forte e segura frente para o enfrentamento e de forma mais incisiva para a superação de tal crise. Assim surge o que se pode nomear como ‘despertar personalista’, que querendo revelar de fato o que é a pessoa, em sua integralidade, para a partir deste construir um novo projeto filosófico, uma nova antropologia.

Tendo em vista que esse despertar personalista é marcado pela construção de uma resposta intelectual, sendo notável ainda por suas novidades que não se dissociam

em sua essência do legado tradicional filosófico. Percebe-se assim através da reflexão acerca da noção de pessoa, que outrora era bastante conhecida, porém pouco utilizada, na escolástica ainda que ativesse presente. A modernidade buscou outras expressões para falar sobre o ser humano como a consciência, sujeito e eu. Por isso o personalismo busca “Recorrer à pessoa, a experiência de ser pessoa e de encontrar-se com outras pessoas como ponto de partida para o pensamento” (BURGOS, 2018, p. 46)

Sendo assim o despertar personalista aparece como uma recomposição de lacunas antigas em uma teoria estruturada, nova e audaz, marcada fortemente no âmbito social como uma alternativa frente aos problemas causados de forma principal pelo individualismo, que tem seu matiz na maximização do prazer e na minimização da dor ainda que para isso tenha-se que tomar atitudes violentas contra a dignidade e o valor do outro, e o coletivismo onde o indivíduo isolado fora de uma sociedade não é um nada.

Dessa forma, ainda que de modo imperceptível a sociedade era impelida a ‘abraçar’ pensamentos que iam em desencontro um do outro e principalmente da dignidade da pessoa por seu caráter hostil

Não se tratava apenas de meras propostas teóricas ou acadêmicas, mas de influentes movimentos sociais capazes de mobilizar milhões de pessoas, e cuja a ação conjunta fazia cair em um dilema que parecia não deixar alternativa. Ou se ficava com o individualismo, contra os coletivismos, ou com os coletivismos, contra o individualismo” (BURGOS, 2018, p. 44)

O personalismo almejou ser um ponto referencial a favor da pessoa, buscando refletir a partir dos dois grandes movimentos suas características positivas, ou seja,

[...] do individualismo sua defesa dos direitos do sujeito e dos coletivismos, sua tensão ética para a construção de um projeto comum, mas ambos demarcados e integrados em seus próprios pressupostos, a primazia da pessoa diante da sociedade. (BURGOS, 2018, p. 28)

Assim, vemos que os filósofos personalistas buscavam um meio termo, um equilíbrio entre os extremos do individualismo e o coletivismo

O personalista, portanto, diferenciava-se tanto do cômodo individualista burguês como do fanático coletivista. Buscava abordar uma via média equilibrada cujo eixo era a dignidade da pessoa. (BURGOS, 2018, p. 28)

Diversos pensadores influenciam esse despertar do personalismo. Para este trabalho destaca-se aqui

[...] ética personalista de Scheler, passando pelo personalismo tomista de Maritain, pelo personalismo comunitário de Mounier, pelas filosofias do diálogo dos pensadores judeus, ou pelo existencialismo personalista de Gabriel Marcel. Todos esses perceberam problemas bastante semelhantes, e procuravam resolvê-los a partir de uma matriz filosófica comum: o personalismo[...] (BURGOS, 2018, p.12)

O conceito de pessoa em âmbitos sociais compostas pelas temáticas específicas como o eu, experiência e subjetividade, mescladas com uma ideia de ser social, que se diferencia do indivíduo egocêntrico pela obrigação moral do serviço aos outros, mas sem que desemboque em uma ideia coletivista, por causa de sua dignidade e valor intrínsecos e absolutos, onde não devem existir intercambio ou alienação.

Pessoa, assim se torna o termo chave para a solução dos grandes problemas e da crise presente, atuando pelo despertar personalista em suas diversas variantes, especialmente no personalismo polonês com Wojtyła.

2.2. PERSONALISMO WOJTYLIANO

Dentro do personalismo encontramos variadas correntes, sendo assim vale ressaltar que o enfoque maior deste trabalho será dado acerca do personalismo polonês que se desenvolve a partir do pós-guerra, onde em tese o sistema de governo marxista que comandava a Polônia, desprezava os direitos do homem.

Na prática o sistema comunista desprezava os direitos do homem, sustentando que cada prevaricação nesse campo é justificada pelas leis superiores da História, de que os marxistas se consideravam portadores. No caminho em direção ao fim último – na sociedade comunista – seria justificado sacrificar os homens singulares, especialmente se de qualquer modo freiam a marcha (MERECKI, 2014, p. 160)

Desse modo, recebendo o apoio da Igreja Católica Romana presente na Polônia que percebeu na atividade intelectual do personalismo uma forte frente de combate aos intelectuais da antropologia marxista.

Tendo como base os pensamentos do fenomenólogo realista Scheler, na Universidade Católica de Lublin que mais tarde seria apelidada de escola de Lublin, sendo a única do leste europeu a funcionar de forma livre, não sofrendo sanções ideológicas por parte do governo, se tonando assim referência para as discussões da época especialmente no que tange a antropologia e a ética e com um interesse em comum que consistia em um “compromisso fundamenta da defesa dos direitos do homem contra toda teoria que dissolvesse sua dignidade particular na corrente infinita

da história, além da decisão de mostrar a profunda aliança que existe entre a razão humana e a fé cristã ” (BURGOS, 2018, p. 124).

Destacando-se em meio aos nomes poloneses do personalismo, Karol Wojtyla (1920-2005) de criatividade, genialidade e carisma marcantes, é considerado a alma ética da escola de Lublin, sendo o que “elaborou o pensamento mais rico, profundo e original” (BURGOS, 2018, p. 125)

O filósofo Wojtyla que no ano de 1978 viria a ser eleito como chefe supremo da Igreja Católica Apostólica Romana buscou um entendimento da pessoa em sua integralidade e irreduzibilidade, querendo confrontar Tomas de Aquino, Kant e Scheler.

Wojtyla em seu personalismo, utiliza-se especialmente da filosofia Aristotélica-tomista e da fenomenologia Scherleana, traçando um percurso ético, indo a ontologia da verdade, ou seja, o conceito de metafísica primeira que diz que a verdade está no ser. Para que o homem a partir de tal afirmação reflita sobre a sua ontologia.

Wojtyla assim recorre a um ser absoluto para responder acerca do fundamento da existência e sustentação do ser do homem.

Já com a fenomenologia, que busca estudar e compreender aquilo que ser apresenta ou seja todo fenômeno sensível, especialmente o desenvolvimento dado por Max Scheler, que considerava que dentro da ‘apresentação’ do fenômeno, se continha algo além de sua mera exterioridade, sendo inclusos também a essa apresentação fenomênica muitos aspectos, incluindo afetivos. Esses aspectos afetivos também chamados de afetos, são compostos de valores, sendo uma parte substancial do ser do homem. Que de certa forma impulsionam o homem em seu querer tornando-o intencional, ou seja,

[...] “Max Scheler considerava que a emoção moral é a mais profunda manifestação da emotividade da pessoa humana. O núcleo da afetividade do ser humano é a comoção. As emoções podem invadir o campo da vontade, quando se convertem, então, em atitudes afetivas. (SILVA, 2005, p.89).

Por meio das emoções das pessoas é possível o acesso ao campo afetivo. Scheler com seu realismo busca conteúdos frutos das emoções, e Wojtyla se aproveita de tal caminho, chegando ao pensamento de que um dos motores para a ação do homem são as emoções, ou seja, a partir do sentir do homem a respeito de seus valores ele age, a partir desse ponto nosso filósofo inicia seu percurso.

Wojtyla desenvolve sua antropologia filosófica, tendo como ponto de partida o homem que age ou melhor, levando em conta o homem como pessoa atuante. Seu trabalho antropológico personalista que faz uso do método fenomenológico para investigar a subjetividade através da experiência vivida.

Para analisarmos o homem, deve-se antes olhar para a experiência vivida, buscando nos atentar a como o homem age ou como as coisas agem sobre ele. Sendo a experiência a fonte primeira do autoconhecimento do homem acerca de si mesmo, pois,

[...] A experiência é a base do conhecimento da pessoa humana. Essa experiência é entendida como a percepção imediata e direta das coisas. Ela também funciona, de certa forma, como uma espécie de controle do conhecimento, enquanto apresenta o objeto como realmente existente. (SILVA, 2005, p. 23)

Porém, não se deve comparar o conceito de experiência woitylyano com empirismo ou com o fenomenismo, para que não haja uma redução do conteúdo das experiências a mera função e conteúdo dos sentidos.

A experiência aqui é o ato cognitivo da pessoa humana que compreende, ou seja, a captação de um fato que se dá de maneira empírica e intelectual sendo o conjunto total da natureza do homem, não se trata meramente aqui de dados *a priori*, mas sim do encontro do cognitivo com a realidade, onde o intelecto tem papel fundamental na formação dos fatos, a compreensão é assim intrínseca a experiência humana.

A experiência assim consiste em um agir processual de natureza sensorial, desse modo, experimentar difere de compreender e interpretar. O fim ultimo da interpretação aqui é a produção de uma figura intelectual do objeto que seja adequada e coincida com o objeto mesmo. Percebemos que o homem não obtém um simples agrupado de sensações que se vão ordenando-se no intelecto, a experiência para Wojtyla é um todo orgânico onde o ponto chave é a relação com o objeto a ser conhecido sob uma perspectiva de variados atos.

Na relação com o outro isso se dá de forma mais clara, o outro de certa forma é o “objeto” da minha experiência, esse confrontar-se com o outro me proporciona um enfrentamento comigo mesmo. Temos então dois aspectos na experiência da pessoa o interior e o exterior, a experiência interior é intrasferível e só se dá comigo e não com o outro, é o conhecimento que cada um tem acerca de si mesmo, já a experiência exterior se dá com demais pessoas que vem até mim. Tanto a experiência interna

quanto a externa que formam o conhecimento acerca do ser humano são unitárias, se completam, a pessoa é sujeito e objeto do conhecimento, sendo o conhecimento composto pela experiência que cada ser tem de si mesmo e da experiência que ele tem com as demais pessoas.

Assim vê-se que a experiência do homem é compreendida na inter-relação de dois aspectos da experiência onde

[...] enquanto tem a experiência da humanidade da forma que ela se manifesta ao próprio eu. E ela tem a experiência de si que deriva da reflexão sobre o próprio ser e agir. (SILVA, 2005, p. 26)

O homem tem em si de forma introspectiva algo que escapa a observação meramente exterior, que não pode ser explicada sistematicamente. O personalismo de Wojtyła não quer tocar ou comentar sobre o homem, ele quer na verdade conhecer a pessoa, o ser pessoa.

2.4. CONCEITO DE PESSOA

Wojtyła em seu trabalho eclesial acadêmico, em especial no trato com os jovens desenvolveu as bases de seu pensamento ” *quando jovem sacerdote aprendi a amar o amor humano*” (MESSORI, 1995, p.118) assim pensar em pessoa na filosofia Wojtyliana é pensa-la em sua perfeita unicidade não podendo ser assim reduzida ou fragmentada.

Toma-se por base de análise da pessoa a experiência, ou seja, a partir de sua ação, como descrito anteriormente. Uma vez que a pessoa é um ser vivo presente no mundo e suas ações/experiências se dão na realidade sensível do mundo³.

A pessoa assim se percebe existente em uma realidade, porém, distinta desta realidade.

Segundo o próprio Wojtyła

[...] o homem é objetivamente “alguém”, e isto é o que o distingue dos outros seres do mundo visível, que, da sua parte, objetivamente, são sempre qualquer “coisa”. Está simples e elementar distinção põe em evidência todo o abismo que separa o mundo das pessoas do das coisas. O mundo objetivo em que vivemos é composto de pessoas e coisas. Consideramos como coisa um ser não só sem razão, mas também sem vida; uma coisa é um objeto inanimado. (WOJTYLA, 2016, p. 15).

³ Acerca de mundo queremos expressar toa a realidade que circunda a pessoa, desde a menor até a maior estrutura presente no universo

São inúmeras as possíveis definições acerca do homem, uma das formas é definir o homem utilizando a palavra indivíduo, o que para essa linha filosófica é insuficiente, também não é o bastante defini-lo como *homo sapiens* (ser de uma espécie). O termo escolhido por Wojtyla é **pessoa**, pois este não encerra o homem em um conceito indicado, mas o contempla, indicando-o assim como um ser racional, único e com interioridade.

Como dito, as ações e relações do homem se dão sempre entre sujeito e objeto, sendo assim, nosso filósofo nos convida em primeiro plano a refletir sobre o termo objeto como sinônimo de ser, todavia precisa-se aprofundar acerca disso. Pela ação da pessoa se percebe que quem a executa é alguém e não algo, ou seja, é um ser consciente. O homem assim é alguém de modo objetivo, sendo distinto do mundo sensível que é sempre algo.

Deve-se diferenciar também o homem das demais espécies vivas e animadas, para não o reduzir a um indivíduo de uma espécie, por isso Wojtyla escolhe o termo 'pessoa'

“O termo “pessoa” foi escolhido para sublinhar que o homem não se deixa encerrar na noção de “indivíduo da espécie”; por que há nele alguma coisa mais, uma plenitude e uma perfeição de ser particulares, que não se podem exprimir senão empregando a palavra “pessoa” (WOJTYLA, 2016, p. 16)

Assim, para justificar o uso de tal termo, faz-se uso de o fato do homem ser um animal racional, possuindo a razão, por isso se distingue e eleva dos outros animais, ainda que sejam os mais próximos a raça, especificamente por sua interioridade. Tendo está “natureza substancialmente diferente da dos animais” (WOJTYLA, 2016, p.18).

Dessa natureza faz parte a autodeterminação que se baseia na reflexão, no seu ato de agir, ou seja em sua ação, o homem escolhe o que quer fazer, a isso nomeia-se livre arbítrio, dotado disso o homem é senhor de si

[...] a pessoa é incomunicável e inalienável está em estreita relação com sua interioridade, com a sua autodeterminação, o seu livre arbítrio. Ninguém pode querer em meu lugar. Ninguém pode substituir o meu ato voluntário pelo seu [...] (WOJTYLA, 2018, p. 18)

Com isso o homem não só age como sujeito de uma ação, mas também se torna objeto dela, por isso quer-se assim analisar as relações, e os momentos em que a pessoa deve ou não se sujeitar a tal posição.

Tendo a pessoa por objeto de uma ação, não devemos dar a esse momento o sentido de um instrumento de uso, pois corremos o risco de reduzir a pessoa a um mero meio

para se chegar a um fim. A pessoa não deve ser tratada como um meio para se alcançar um fim, devido principalmente ao fato da pessoa ser sujeito dotado de razão e liberdade para escolher os seus fins. Configura-se uma violência grave trata-la como um meio para visar um fim, baseando-se na afirmação kantiana do princípio moral no imperativo “age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio”. (KANT, 2005, p. 69), Wojtyla, formula seu pensamento.

[...] cada vez que, na tua conduta, uma pessoa é objeto da tua ação, não esqueças que não deves trata-la somente como um meio, como um instrumento, mas tem em conta que também ela tem, ou ao menos deveria ter, seu próprio fim [...] (WOJTYLA, 2005, p. 22)

Não se pode usar uma pessoa, meramente como um meio para atingir um fim, pois corre-se o risco de ter a pessoa como um objeto, o que contraria a sua natureza, sua essência.

Karol constrói seu pensamento acerca da pessoa partindo do ato, da ação rumo ao encontro das estruturas que fundamentam a pessoa. Pois

O ato, de certa forma é a porta que permite entrar na compreensão da pessoa. Ele revela o que se esconde no homem, por que manifesta a interioridade do ser humano. A pessoa, desta forma, é conhecida a partir de seus atos. (SILVA, 2005, p. 28).

Diante do agir da pessoa a consciência auxilia toda a eficácia produtiva no processo do conhecer. A ação humana necessita ser interpretada, sendo essa a função do dinamismo da consciência, que na medida em que a ação é realizada a mesma precisa ser ‘especializada’ posta em um lugar, um ambiente e busca-se dentro desse ambiente um sentido. Frente o operar da pessoa a consciência deve tornar essa experiência um saber compreendido, sendo assim a mesma ocorre de forma simultânea a ação.

Dessa forma a consciência para Wojtyla se dá na operação continua e dinâmica do homem, sendo fruto de sua ação.

Porem a consciência não deve aqui ser confundida com a intenção, apesar de sua estreita ligação com a ação, Wojtyla assim que nos levar a compreender que o homem tem consciência de sua existência e atuação, porém, seu ser e sua ação não se originam na consciência.

Assim pode-se destacar que a consciência possua duas considerações. Sendo capaz de interiorizar aquilo que está sendo vivido, ou seja, a experiência em curso, e diante

disso ela pretende ajudar para a reflexão. Aqui ela demonstra sua importância, não agindo de forma independente ou autônoma. Diferenciando-se assim dos filósofos da fenomenologia, podendo dizer assim que “a consciência também tem a função de refletir”. (SILVA, 2005, p. 31).

A consciência faz com que a pessoa experimente a ação de maneira objetiva e também subjetiva, levando o homem a conhecer a si mesmo, quando experimenta também o mundo objetivo. A função subjetiva da consciência consiste em um caminho de reflexão que não deixa de lado a interioridade, ou seja, é compreendido como a ação que ganha um caminho subjetivo. Sendo essa subjetividade uma reflexão acerca da objetividade da ação.

As experiências abrigadas na consciência da pessoa possuem liberdade, que é fonte dinâmica da ação do sujeito, ação essa situada na consciência.

Essa liberdade dita anteriormente é causa principal de um completo autoconhecimento, sendo apenas o sujeito livre em suas experiências capaz de se autoconhecer. Pois “Ser pessoa humana quer dizer existir no corpo, exprimir-se por meio do corpo, mas ao mesmo tempo ser algo mais que somente o corpo” (MERECKI, 2014, p. 64).

São duas as vias do dinamismo do homem. Atuar e ocorrer, sendo que, atuar diz respeito a ser protagonista (sujeito) da ação, quando por sua vez a ação ocorre, passo a ser o receptor de seus desdobramentos, ou seja, a primeira por causa da ação direta do sujeito, acontece de maneira ativa, a outra de maneira determinada, uma vez que o sujeito recebe a ação.

A ação assim, ou ocorre no homem ou ao homem, sem que se altere sua liberdade que passa assim a ser acompanhada de espontaneidade, dentro da percepção consciente no sujeito ao receber e realiza-la.

Wojtyla diz ainda que a noção de ato em Aristóteles e Tomás de Aquino não era imbuída como ação, no conhecimento que temos dos termos filosóficos clássicos, ato está vinculado a potência, sendo o ato a realização da potência, especialmente no que diz respeito a essência. Cada ser tem sua própria essência, com seus atributos e propriedades, só a adequação do ser a essa essência dá sentido de ser as qualidades, assim a realização do bem consiste na plena realização desta essência.

Pela ação a pessoa manifesta sua natureza, porque manifesta toda a sua possibilidade. A ação assim, atualiza a essência porque toda a possibilidade presente na pessoa se torna realidade.

Sendo e agindo o homem faz a si mesmo, ou seja, a ação que procede de um ser racional busca um fim também racional, que é o bem. Sendo o bem o fim da aspiração do homem e tendo em vista que este o 'aperfeiçoa'. Como exemplo temos a cultura e a educação que são bens buscados racionalmente e que realizam e a perfeioam a pessoa por seu intelecto.

Os bens que mais aperfeiçoam o homem são os bens morais porque estes o tornam melhor ajudando no processo de agir racionalmente, sendo assim, o agir moral é o fim mais importante de sua ação tanto para a pessoa que age quanto para os que estão a sua volta.

Dentro dessa relação com as pessoas a sua volta, a participação caracteriza-se no atuar das pessoas entre si, permeada esta relação por respeito a singularidade essencial de cada um.

Em toda ação uma pessoa comunica algo a outra, transcendendo a si mesma

A participação consiste na transcendência da pessoa na ação, a medida em que essa se realiza junto com os outros. O fenômeno participativo corresponde, inclusive, à integração da pessoa na ação, o que é um aspecto complementar da transcendência (SILVA, 2005, p. 97)

É próprio do homem a capacidade e necessidade de viver em sociedade, essa capacidade de se aproximar e experimentar singularidades diferentes, podendo através da consciência e liberdade que me são próprios tornar-me melhor a medida que participo da existência do outro.

Cabe a pessoa não negar o seu ser pessoal na vivência em sociedade, um exemplo dessa negação da interioridade pessoal é o *ocorrer* que se dá quando a pessoa se encontra sob a forte influência de outros tendendo a se agir fora de si. Desse modo durante a participação (atuação em sociedade) o homem descubra em si uma nova dimensão, onde a pessoa e a ação desvelam e explicam-se mutuamente.

A pessoa quando participa de uma sociedade age/atua com outras pessoas, ou seja, coopera com elas, cooperando ela transcende assim "a participação implica, portanto, na transcendência e na integração da pessoa que age nas relações interpessoais" (SILVA, 2005, p. 98).

Deve-se sempre lembrar que o valor da pessoa é superior ao da participação e condiciona os valores presentes nessa. O valor personalista especificamente faz com que na participação a pessoa se atualiza. Portanto tal participação permeada por valores buscados busca sempre a realização da pessoa e de suas potencialidades.

Dado o bem a ser buscado nessa atuação, cabe ressaltar a responsabilidade de realizar as ações visando sempre o bem ao outro e a mim mesmo, atento sempre ao valor que a pessoa tem pelo fato de ser pessoa, a participação assim tem seu sentido normativo confirmado, ou seja, não se deve nunca tratar a pessoa como um meio para alcançar um fim. O desenvolvimento do entendimento do valor da pessoa, e de que ela não é um mero objeto, mas sim de que ela possui uma responsabilidade dentro da construção da história por que a liberdade e a consciência são partes integrantes do seu ser e tornam maior a noção da necessidade de participação pessoal na sociedade.

2.5. CRÍTICA AOS REDUÇIONISMOS SOFRIDOS PELA PESSOA

Dentro do campo relacional da pessoa, ou seja, no seu atuar em comunidade/sociedade, devem ser evitados todas as formas de exclusão ou redução do ser da pessoa, cabe assim a pessoa se afastar de sistemas como “o individualismo afirma que o indivíduo é o bem social supremo e fundamental. Todos os interesses da sociedade devem submeter-se a ele” (SILVA, 2005, p. 100).

O individualismo assim tem como consequência o isolamento da pessoa das demais numa frenética busca de autodefesa e autopreservação tendo o outro como um inimigo a ser derrotado.

Também deve a pessoa se afastar de sistemas totalitários, pois este consiste em um individualismo invertido que busca subordinar o indivíduo a sociedade, vendo a pessoa apenas como indivíduo que deve ser considerado como inimigo da sociedade e deve ser neutralizado tendo em vista o bem comum, pois apenas com a subordinação e limitação do indivíduo suprimindo sua liberdade no atuar em sociedade.

Ambos minam a autenticidade da pessoa e são contrários a seu valor e dignidade. Segundo a antropologia proposta por Wojtyla estes devem ser evitados, pois

A participação deve ser cultivada, amadurecida, desenvolvida. A atuação e a existência junto com os outros permitem à pessoa humana seu próprio desenvolvimento. Toda e qualquer pessoa tem o direito de atuar, o que leva à negação do individualismo e do anti-individualismo, que é o totalitarismo (SILVA, 2005, p.101).

Por vezes também, se apresenta o risco de em relações mais íntimas ou com pessoas diretamente mais próximas, agir de forma contrária a natureza humana da pessoa, o que consiste em usa-la, ou seja, no tornar a pessoa um mero objeto de ação.

Usar consiste segundo nosso autor no ato de tomar um objeto como um meio, uma ferramenta para uma determinada finalidade, empregando sua utilização aos comandos de um sujeito tendo em vista um fim “ o meio está, pois, subordinado ao fim; e ao mesmo tempo, em certo sentido, ao agente ” (WOJTYLA, 2016, p. 19).

Para Wojtyla, tal relação de uso no que diz respeito ao meio ambiente e suas riquezas naturais, deve e pode ser concebida desde que dentro das limitações para a manutenção da existência de um ecossistema que dê condições de vida aos seres, é aceitável pois

O homem, nas suas atividades, serve-se do mundo criado, desfruta de suas riquezas para atingir fins que se aponta a si mesmo, porque só ele está em condições de compreendê-los. Considera-se justa esta atitude do homem para com o mundo inanimado, cujas riquezas têm tanta importância para a economia, ou para com a natureza viva...” (WOJTYLA, 2016, p. 20).

É assim então aceitável o uso dos recursos da natureza por parte da pessoa, desde que tal uso seja responsável tanto para com os objetos quanto para os seres animados no caso os animais, e destes exige-se ainda que as atitudes não sejam passíveis e causar sofrimento aos mesmos não causando a extinção.

Karol assim deixa claro a relação pessoa e natureza presente em sua filosofia.

Porém quando olhamos para as relações interpessoais o seja pessoa e pessoa, o conceito de uso tal como descrito acima é aplicável? Posso considerar a pessoa um meio ou uma ferramenta para um fim? Na filosofia de Wojtyla as ações demonstradas nas perguntas no que diz respeito a pessoa, acarretam graves defeitos ou melhor problemas morais. Segundo Wojtyla a pessoa não deve ser utilizada como um meio para alcançar uma finalidade, tal ação consistiria em um ato contra a própria natureza.

Wojtyla diz

[...] estas duas perguntas que suscitam um importante problema moral. Não um problema psicológico, mas efetivamente moral, porque a pessoa não

pode ser para os outros apenas um meio. A própria natureza da pessoa, aquilo que ela é, exclui essa hipótese (WOJTYLA, 2016, p. 21).

Por causa de sua interioridade a pessoa conhece e deseja de forma livre, também sendo capaz de refletir e escolher ou determinar-se. Fazendo uso de sua liberdade e capacidade de escolha a pessoa determina seus fins. Ninguém pode assim tornar a pessoa como uma coisa, ou seja, ver nela apenas um objeto para se obter um fim

Ninguém tem o direito de servir-se de uma pessoa, de usá-la, como um meio; nem se quer Deus, seu criador. Da parte de Deus, isto é, aliás, absolutamente impossível, porque, ao dotar a pessoa de natureza racional livre, Deus concedeu-lhe o poder de indicar ela mesma, por si só, os fins de sua ação, excluindo com isto toda a possibilidade de reduzi-la a ser não mais que um instrumento ao serviço de fins alheio (WOJTYLA, 2016, p. 21).

Wojtyla recebe a influência kantiana para como dito acima postular seu pensamento, de que a utilização da pessoa por parte de outra seria algo contrário à sua natureza.

Dá-se a esse pensamento acerca da utilização da pessoa o nome de utilitarismo que consiste em uma corrente dentro da filosofia política e moral principalmente dentro do meio inglês, Stuart Mill e Jeremy Bentham em especial defendem o utilitarismo sendo o segundo conhecido por ser o pai desta corrente, que tem como base o princípio de utilidade que diz acerca da busca pela maior quantidade possível de prazer e o menor sofrimento ou desprazer possível, para a maior quantidade de pessoas.

Assim vemos que o agir moral utilitarista exclui a interioridade do sujeito, e suas intenções, fixando-se somente na maximização do prazer e minimização da dor

Sustenta que as ações estão certas na medida em que tendem a promover a felicidade e erradas quando tendem a produzir o oposto da felicidade. Através da felicidade pretende-se o prazer e a ausência de dor; por infelicidade, dor e privação do prazer (MILL, 2007, p. 22).

Tal concepção vista por Karol Wojtyla é presente em todo o largo da história sobretudo na contemporaneidade, mas este é tomado por uma forma mais delineada e organizada sendo explicitada como um princípio lógico de vida.

Wojtyla inicia sua crítica ao utilitarismo buscando descrever etimologicamente a palavra utilitarismo “O seu nome provém do verbo latino *uti* (“utilizar”, “tirar proveito de”) e do adjetivo *utilis* (“útil”). Conforme a sua etimologia o utilitarismo coloca o acento na utilidade da ação (WOJTYLA, 2016, p. 29).

A ação assim, para o utilitarista só tem sentido dentro de sua busca pela felicidade, minimizando o sofrimento e maximizando o prazer. Já para Karol Wojtyla existem

prazeres buscados pela pessoa que vão além, são superiores aos prazeres alcançados pela sensibilidade, assim, o utilitarista não contempla estes pois os mesmos são dados da vida interior

Para um utilitarista, o homem é um sujeito dotado da faculdade de pensar e da sensibilidade. Esta o leva a desejar o prazer e rejeitar o sofrimento. A faculdade de pensar, isto é, a razão, foi-lhe dada para poder dirigir a sua ação de modo a assegurar-se o máximo possível de sofrimento (WOJTYLA, 2016, p. 29).

O pensamento utilitarista busca estender e aplicar além do plano individual a obtenção da felicidade na ação através da busca pela maior quantidade de prazer e exclusão ao máximo do sofrimento a sociedade, sendo assim um princípio socialmente aplicável.

O filósofo Wojtyla considera como atraente o postulado utilitarista, dado que naturalmente escolheríamos nos afastar da dor e do sofrimento e buscar a cada vez mais o prazer para alcançar a felicidade, porém, correríamos o grave risco de colocar a busca pelo prazer como sumo bem em nossa vida

O seu defeito principal consiste em considerar o prazer como o único e ao mesmo tempo o maior bem, ao qual deve ser subordinado o procedimento individual e social do homem. E, contudo, como teremos ocasião de verificar mais adiante, o prazer não é o único bem e nem sequer o fim essencial da ação humana (WOJTYLA, 2016, p. 30).

Esta proposta do pensamento utilitarista acerca do prazer, não contempla assim a totalidade do que é a pessoa. Em termos mais particulares no relacionamento entre pessoas esse uso (por parte do utilitarista) pode se transvestir de amor o que leva o utilitarista a observar o outro pelo matiz de uma “antropologia reducionista” (SILVA, p. 132, 2005).

Se o prazer é colocado como o fim último de uma ação, o outro não é alvo de uma preocupação sincera e verdadeira, pois a maximização do prazer passa a ser um bem apenas para um dos lados. Por isso os postulados utilitaristas levam a pessoa a agir de forma contrária à sua natureza, pois conduzem a pessoa a um egoísmo, já o pensamento wojtyliano conduz a unicidade de pessoas, desenvolvida pela busca de um bem comum

Graças a ele, elas se ligam uma à outra por um autêntico e objetivo laço de amor, que lhes permite libertarem-se do subjetivismo e do inevitável egoísmo que daí deriva. O amor é comunhão de pessoas (WOJTYLA, 2016, p. 32).

Wojtyla não quer excluir o prazer da ação da pessoa, mas sim não o colocar como princípio de seguimento para a ação moral, para ele o prazer é casualidade e não faz

essencialmente parte da ação. “O prazer, por outro lado, não é algo mau em si e pode manifestar-se colateral e ocasionalmente na ação. Não deve, porém, ser o fim último do agir humano.” (SILVA, p. 132, 2005). A liberdade exercida e munida de autodeterminação, pode entender que na relação com o outro, na busca de um bem pode estar contida a renúncia ou negação de um prazer, ou seja,

Sabemos perfeitamente que o que é verdadeiramente bom, o que me ordena a moral e a consciência, muitas vezes está ligado precisamente a um certo sofrimento e exige a renúncia a um prazer (WOJTYLA, 2016, p. 30).

Em uma relação á dois vemos delinear-se o problema da reciprocidade causado pelo pensamento utilitarista, pois, sendo por ambos buscado usar o outro apenas para a obtenção do prazer o ‘amor’ assumido neste caso, na verdade é apenas a junção de dois egoísmos onde ambos concordam com a ideia de ser usado para servir o egoísmo do outro na satisfação do mesmo, estes podem até encontrar uma ‘faísca’ de prazer, desde que o prazer de um não se sobreponha ao outro esgotando-o, pois caso isto aconteça, segue-se a norma utilitarista de eliminar o prazer do outro em detrimento do meu.

Mas se isso cessa de dar-me prazer ou se já não é resultado do meu cálculo de felicidade (termo muitas vezes utilizado pelos utilitaristas), já me não sinto ligado pelo prazer alheio, que para mim já não representa um bem e pode até tornar-se um mal (WOJTYLA, 2016, p. 32).

Dessa forma quando já não se encontra mais prazer na relação com o outro, a possibilidade de por sua parte querer eliminar o prazer do outro por causa do egoísmo presente em si, passo a enxergar o prazer do outro como uma ameaça ao seu, assim de acordo com nosso filósofo.

Seguindo os princípios do utilitarismo, eu tenderia então a eliminar o prazer alheio, porque a ele não está vinculado nenhum prazer para mim, ou, quando muito, ele se me tonará indiferente e já não me preocupará (WOJTYLA, 2016, p. 32).

Ambos poderiam ainda dentro da relação sujeitar-se a um ideal comum onde poder-se-ia de igual forma sujeitar-se ao outro oferecendo prazer e recebendo a mesma medida, porém, nesta situação vemos a completa ruína do entendimento da pessoa acerca de si mesmo e de seu valor e dignidade e também o desconhecimento do valor e da dignidade do outro, considerando a mim mesmo e ao outro como um mero meio para atingir um fim que seria neste caso o prazer. O amor dessa forma não existe ou é substituído por uma atitude egoísta que leva à exploração do outro, pois o egoísmo impede uma entrega ao amor quando é baseado apenas em ter deste uma

correspondência e o mesmo carece da busca de um bem objetivo uma realização plena.

Dessa forma o valor da pessoa é obscurecido, a pessoa passa a se instrumentalizada principalmente no que diz respeito a sua sexualidade. No pensamento utilitarista, e a pessoa passa a ser vista como um *bonum utile* (bem útil) podendo dizer que

A antropologia utilitarista e a ética, que dela deriva, partem da convicção de que o homem tende essencialmente para o interesse próprio ou do grupo ou corporativo a que pertence; em suma, o proveito pessoal ou corporativo é a finalidade do agir humano (PAULO II, 2005, p.47).

Nessa busca frenética por prazer e desconhecimento da pessoa a sociedade acaba por criar seus próprios “monstros”, haja vista que para o meu prazer ser sustentado como máximo e primeiro a pessoa se sujeita a reduzir a outra em suas estruturas especialmente psicológica e biológica, um dos monstros que derivam da violência contra a pessoa e busca de prazer fortemente conhecido e combatido é a exploração sexual, especificamente nos seus casos mais conhecidos que se dão nos menores e mulheres onde a pessoa se coloca como detentora do outro.

“O sofrimento, nessa mentalidade cultural, é um inimigo a ser combatido de todas as formas. A eliminação do sofredor, por vezes, é a solução para se vencer o sofrimento. Encontram-se ideologias que procuram justificar e mascarar os crimes mais brutais contra a pessoa humana e a humanidade”. (SILVA, 2015, p. 116).

Frente as terríveis situações expostas, delineia-se segundo Karol como solução eficiente o amor como sendo a atitude correta e contrária ao uso, pois o amor porta consigo a capacidade de unir pessoas pela busca de um bem comum, respeitando sua liberdade e autodeterminação e sendo fonte primordial da realização das potências da pessoa.

2.6. AMOR COMO FONTE DE AFIRMAÇÃO DA PESSOA

Na antítese dos reducionismos e do utilitarismo, segundo Karol Wojtyła está o Amor como única e fundamental atitude para o necessário reconhecimento do valor e da dignidade da pessoa, pois

O amor verdadeiro é a afirmação do ser humano como pessoa, é a única norma que se conforma a sua identidade e que deve ordenar as relações entre os seres humanos (SILVA, 2015, p. 132).

Wojtyla chega a esse dado sobre o amor partindo do mandamento bíblico/evangélico expresso em um pedido de Cristo acerca do amor para com os outros em João 13, 34-35 (BÍBLIA, 2002, p. 1879), o amor assim é um sistema confirmado pelo mandamento e fundamental no atuar com outras pessoas. No que diz respeito às falas adotadas pelo próprio mandamento explicita-se seu entendimento, quando se observa a parte *“amarás ao próximo como a ti”*, evidencia-se a busca da transcendência do eu individualista e do ideal totalitário em direção ao outro, fazendo com que a pessoa manifeste sua natureza de participação e responsabilidade pelo próximo (outro), pessoa e sociedade harmoniza-se pelo mandamento do amor, pois

O mandamento do amor assim, é uma norma para os seres humanos viverem e atuarem juntos. Se o mandamento do amor não for a norma comunitária, as pessoas não terão a medida da missão e do que é exigido delas para que se torne realidade *todo o bem contido no atuar e no existir “junto com os outros”* afirma Wojtyla (SILVA, 2005, p. 110).

Tal pedido se opõe ao princípio utilitarista tendo em vista que o mesmo não dá as medidas necessárias para assegurar o amor e a dignidade e valor da pessoa nas relações interpessoais.

O mandamento do amor não possui como fundamento a mera utilização da pessoa, por isso Wojtyla menciona a norma personalista que abrange duas vertentes de manifestações, sendo a vertente positiva e a negativa

No seu conteúdo negativo, revela que a pessoa é um bem que não se coaduna com a utilização, visto que não pode ser tratada como um objeto de prazer, e portanto como um meio. O seu conteúdo positivo aparece paralelamente: a pessoa é um bem tal que só o amor pode ditar a atitude adaptada e válida a seu respeito. É isso que o mandamento do amor enuncia (WOJTYLA, 2016, p. 35).

O amor revelado em sua mais plena verdade busca em seus atos afirmar e contribuir no que diz respeito às estruturas corpóreas, psíquicas e espirituais para a outra pessoa, tendo em conta que seu fim é sempre o outro.

Segundo Wojtyla, o amor exprime em sua inteireza a negação de uma utilização e coisificação da pessoa

O amor da pessoa para a pessoa se opõe ao utilitarismo e faz entender o ser humano como um bem que não pode ser nivelado a objeto de uso, a um meio para um fim, só o amor pode manter uma relação própria e plenamente entre pessoas que, só amando, realizam a atualização de suas potencialidades (SILVA, 2015, p.134).

Wojtyla, quando fala de amor não quer dizer apenas sobre o conteúdo sentimental ou da manifestação excitada dos sentidos. O amor deve se sobrepôr ao mero desejo de

prazer sexual visado no outro, que pode encontrar sempre alguém mais atraente, útil e potencialmente prazeroso e também não deve se enquadrar apenas na atitude afetiva, ou seja, no mero gostar de alguém, pois baseando-se o amor nos sentimentos bastaria uma simples atitude contrária a sua expectativa para que o amor passasse a raiva ou desgosto, indo de amor a não amor em um intervalo pequeno de tempo. Portanto deve-se ter em vista que ambos, sentido e afetividade podem ter um caráter temporal. O amor nesse sentido abarca e transcende além do que se sente.

O amor no pensamento wojtyliano é compreendido com um caráter virtuoso

Esta virtude forma-se na vontade e utiliza os seus recursos de potencialidade espiritual, isto é, constitui um empenho real da liberdade da pessoa-sujeito, fundado na verdade correspondente à pessoa-objeto. O amor enquanto virtude está orientado para o valor da pessoa. É, pois, a vontade a fonte desta afirmação que penetra todas as reações, tudo o que se sente, todo o comportamento (WOJTYLA, 2016, p. 117).

Dessa forma não se exclui o dado dos sentimentos ou dos sentidos, mas sim, estes devem estar munidos de uma plena consciência acerca do valor da pessoa.

Sabendo do valor único que uma pessoa tem por ser pessoa, e sabendo ainda que o amor é um laço que une pessoas pelo bem comum buscado por elas, Wojtyla expõe que o amor é o desejo manifestado na firme decisão por atitudes que levam o outro a realizar-se em suas potencialidades, ou seja, amar é querer e buscar o melhor para o outro.

A partir do entendimento de que o outro que se apresenta a mim é uma pessoa e não uma coisa, e este outro deve ser respeitado e tratado com amor dado que essa é a fonte de afirmação de sua unicidade e de seu valor, surge no homem o desejo de ir além e doar-se ao outro.

“Na dinâmica do amor o dom de si – a decisão de doar a si mesmo ao outro – revela-se como forma adequada à afirmação de sua irrepetibilidade. Esse dom envolve toda a pessoa – a sua espiritualidade, a sua emotividade e a sua corporeidade” (MERECKI, 2014, p.168).

O amor assim parte da interioridade de cada um e porta a capacidade de colocar a pessoa em um processo constante saída de si mesma tendo como direção o outro, para que esse amor seja transformado em atos concretos tendo em vista sempre o bem do outro está é a grande força moral do amor

A grande força moral do amor verdadeiro consiste precisamente neste desejo de felicidade, do verdadeiro bem para outra pessoa. É essa força que faz com

eu o homem renasça graças ao amor, que lhe dá um sentimento de riqueza, de fecundidade e de produtividade interiores (WOJTYLA, 2016, p. 131).

Nessa busca pelo bem e pela realização do outro, assumindo uma responsabilidade moral em querer e buscar isso, eu conjuntamente me realizo e sou capaz do bem como diz o próprio filósofo

O amor verdadeiro faz-me crer nas minhas próprias forças morais. Ainda que eu seja “mau”, o amor verdadeiro, à medida que desperta em mim, obriga-me a procurar o bem verdadeiro para a pessoa à qual é dirigido. Assim, à afirmação do valor da outra pessoa corresponde a do valor do próprio sujeito [...] (WOJTYLA, 2016, p. 131).

Conjuga-se assim o dever (de concepção kantiana) ao valor, não sendo apenas um mandamento a ser obedecido, mas sim, um bem a ser buscado por cada pessoa e de forma mais abrangente pela comunidade, dessa forma, “O amor é comunitário e é condição para que se constitua uma comunidade realmente humana.” (SILVA, 2005, p.134) buscar esse amor desenrolar-se dentro de um processo de construção e crescimento, conduzindo sempre a uma perfeição.

O amor assim é o mais ato valor moral, sabendo que entre as pessoas o “amor não é a intensidade de suas emoções ou atrações, mas o grau em que eles se sentem responsáveis um pelo outro” (EVERT, 2018, p. 130) e deve ser vivido no assumir de uma postura de fazer de si “dom” e transcender o eu egoísta, individualista, totalitário e utilitarista e buscar na gratuidade, tomar o destino do outro como o seu próprio, contribuindo para a afirmação do outro como pessoa e a plena realização das potencialidades do outro à medida que isso proporcionará um autoconhecimento e a realização de minhas potencialidades.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho entendemos o nosso valor enquanto pessoa, somos únicos e capazes de escolhermos e caminharmos rumo a um fim que é a realização de nosso ser, compreendemos temos também que nossa ação revela a nossa interioridade e nos permite conhecer o outro e a nós mesmos.

Analisamos que Wojtyla vai de encontro a variadas áreas e épocas do pensamento filosófico para desenvolver seu pensamento primordialmente personalista acerca da pessoa.

Vimos ainda que não somos sós, existem outras pessoas que participam do meu processo de experiência e também no meu processo de conhecimento, estas devem ter seu valor e sua dignidade afirmados através de atitudes concretas despertadas pelo amor. O amor se mostra a atitude justa diante do bem que é a pessoa e vai de encontro com o mal causado pelo pensamento utilitarista com a finalidade de eliminá-lo.

O amor ainda como apresentado tem a capacidade de dar sentido a nossa existência através da busca por ser moralmente bom em minhas relações o que evidencia a capacidade de cada pessoa de cooperar com o outro na realização de suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**, São Paulo, Paulus, 2002.

BURGOS, Juan Manuel. **Introdução ao personalismo**, São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

EVERT, Jason. **São João Paulo, o grande: seus cinco amores**. Tradução Pedro Sette-Câmara. São Paulo: Quadrante, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JOÃO PAULO II, p. **Cruzando o limiar da esperança**. Tradução de Antônio Angonese e Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

JOÃO PAULO II, p. **Memória e identidade** (Memória e Identità: Colloqui nella Transizione del Milenio). Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: edição 70, 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MERECKI, J. **Corpo e transcendência: A antropologia filosófica na Teologia do Corpo de São João Paulo II**. Tradução D. Hugo da S. Cavalcante, Pe. Valdir M. dos Santos filhos. Brasília: Edições CNBB, 2014.

MILL, J. S. **Utilitarismo**. Escala, 2007.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt**, 6. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

SILVA, P. C. **A antropologia personalista de Karol Wojtyła: pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II**. Aparecida, SP Idéias & letras, 2005.

WOJTYLA, K. **Amor e responsabilidade**, São Paulo: Cultor de Livros, 2016.